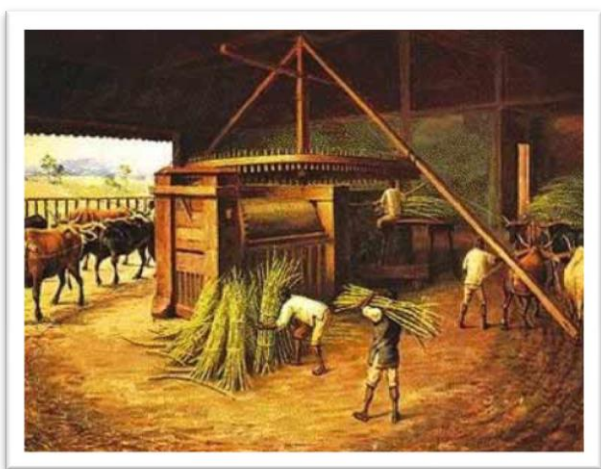


PALCO DA DIVERSIDADE: ASPECTOS ECONÔMICOS DA VILA DE SANTO ANTÔNIO DE SÁ.

Professor Carlos Henrique Machado Rodrigues

Caro aluno, a Metrópole portuguesa, como sinalizamos em textos anteriores, tinha desde o início objetivos de determinar sua presença na província do Rio de Janeiro, como também, e de suma importância, fazer com que do seio da terra proviessem riquezas as quais estivessem ligadas ao circuito comercial externo.



Antigo Engenho de Açúcar. Fonte: Google Imagens

Desse modo, o estímulo foi para que se desenvolvessem, em solo macacuan¹, plantações de cana-de-açúcar, extraíndo-se um doce líquido para ser processado nos chamados engenhos, dando origem ao precioso açúcar².

Estudos mostram que as intenções de Portugal no Vale do Macacu, e mais especificamente na Vila de Santo Antônio de Sá, deram certo. Todavia, existiram obstáculos variados, como a questão de

ser extremamente caro investir na instalação de engenhos e o problema de enchentes que atrapalhavam em determinados locais a mencionada cultura agro manufatureira - sobretudo perto de rios e charcos.

Em São João de Itaboraí - freguesia importante da Vila de Santo Antônio de Sá - houve um considerável desenvolvimento da produção açucareira, com a instalação de inúmeros engenhos e engenhoas, alguns com grande número de escravos. O açúcar por eles produzido era escoado por vias fluviais, por exemplo, até o povoado de Porto das Caixas – onde se encontrava o porto mais importante dentre os que existiam na região, como os portos de Vila Nova (Itambi), Sampaio etc.

Independente disso, a verdadeira vocação da Vila de Santo Antônio de Sá fundamentou-se na diversidade, tanto de culturas alimentícias e de criação de animais como de atividades ceramistas, oleiras, madeireiras, de serviços, entre outras. Nesse caso, pesquisas recentes nos dizem que “a economia colonial em geral e a agricultura em particular não podem ser pensadas a partir do ritmo da

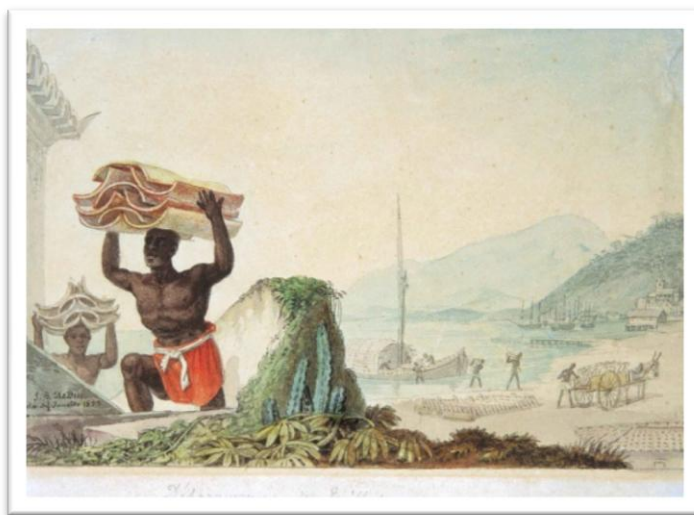
¹ Do Vale do Macacu.

² A título de curiosidade, esse produto era ofertado em caixas decoradas, como presente em casamentos de reis e rainhas!

economia açucareira³. No que se refere à região macacuana, a diversidade revelou-se providencial, uma vez que conferiu um dinamismo econômico mais resistente às oscilações de determinados produtos no mercado - como o açúcar, "mercadoria menina dos olhos da Metrópole portuguesa no Brasil colonial".

Dando prosseguimento à "nossa trilha do conhecimento", podemos dizer que as mercadorias produzidas na região eram destinadas não somente para o mercado externo, como também para o consumo na própria Vila e para o mercado interno colonial, sobretudo da cidade do Rio de Janeiro. Assim,

No século XVIII, a região do vale do rio Macacu, na capitania do Rio de Janeiro, constituía-se, no panorama socioeconômico do recôncavo da baía da Guanabara, como lócus privilegiado na produção de gêneros alimentícios, em especial a farinha de mandioca. Juntamente com outros produtos como arroz, milho e feijão, uma produção de açúcar e aguardente também tinha curso, completando o quadro geral da sua produção agrária. A atividade extrativista de madeira, ao lado da lavoura, se configurou também de grande importância, principalmente após a criação do Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro, em 1763⁴.



Exemplo de telhas produzidas por escravos - Obra de Debret. Fonte: Google Imagens.

A fonte *Discrição do que contém o Distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do Estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro]*⁵, de 1797, demonstra que a região do Vale do Macacu possuía, à época em que o mencionado documento foi elaborado, produções agrícolas, extrativistas e artesanais respeitáveis e consolidadas. Inúmeras famílias de

proprietários, não proprietários e escravos dinamizavam a região macacuana criando, produzindo, vendendo e comprando mercadorias variadas como, por exemplo, e além dos que já citamos acima, tijolos e telhas que eram moldadas comumente nas coxas e pelos braços cativos, principalmente de negros nascidos ou não na região.

³ Para maiores detalhes ver COSTA, Gilciano Menezes. "A Escravidão em Itaboraí: Uma Vivência às Margens do Rio Macacu (1833-1875)". Niterói, UFF, 2013, p. 69.

⁴ AMANTINO, Márcia e CARDOSO, Vinícius M. "Múltiplas Alternativas: diversidade econômica da Vila de Santo Antonio de Sá de Macacu - Século XVIII". In: Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 3 N° 5 Jul-Dez 2008, p. 79. Disponível em: <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo_4.pdf>. Acesso em: 18 de julho de 2013.

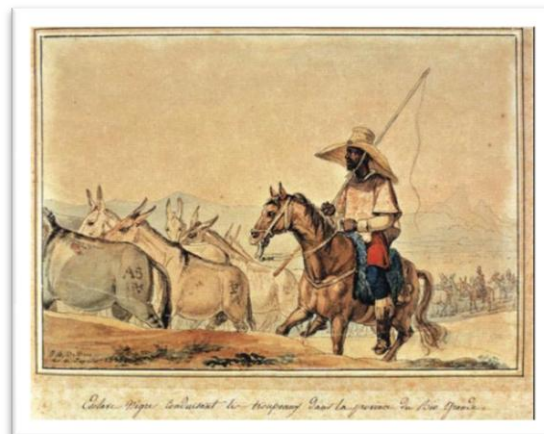
⁵ "Discrição do que contém o distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro]". 07 de abril de 1797. Arquivo Histórico Ultramarino-Rio de Janeiro. Cx. 165, doc. 62 e AHU_ACL_CU_017, Cx.161, D. 12071.



Exemplo de Sociedade Colonial - Obra de Debret. Fonte: Google Imagens.

plantations açucareiras (grandes propriedades de terras monocultoras), entre tantos outros, formaram uma sociedade hierarquizada capaz de dinamizar a economia da Vila de Santo Antônio de Sá.

Por conseguinte, senhores de engenhos, donos de fábricas ou casas de farinha, lavradores, trabalhadores especializados (os chamados *Oficciaes de officios*), serradores, taverneiros, escravos de aluguel, escravos tropeiros, escravos barqueiros, escravos das



Tropeiro escravo negro conduzindo tropa - imagem Debret. Fonte: COSTA (2013, p. 106)

Há informações de que a Vila possuía uma importante economia que, em 1794, se ampliava por intermédio dos seus 59 engenhos de açúcar⁶, assim como, em 1797⁷, de suas duas fábricas de beneficiamento de arroz, 238 engenhos de farinha, 10 olarias e de 649 lavradores que produziam de tudo um pouco e principalmente mandioca para a elaboração de farinha. Como se não bastasse, estavam distribuídos pela região macacuana 30 trabalhadores especializados, 55 serradores, e também 66 proprietários de tavernas.

Realizadas as conversões para as medidas de peso da época (arrobas, pipas e alqueires), em 1797 as produções comercializadas foram de: açúcar - 431.925 kg; aguardente - 464.436 litros; arroz - 465.924 kg; milho - 135.166 kg; feijão - 111.107 kg; e, o produto recordista na região, a farinha de mandioca, com 2.149.329 kg⁸.

⁶ COSTA (2013, p. 87).

⁷ Ver AMANTINO E CARDOSO (2008, p.87).

⁸ Idem, p. 88.

Casa de farinha de Sidônia Benícia (Dona Miúda).
Sambaetiba - Itaboraí - 1984/1985



Rodete e sevadeira - peças da casa de farinha de Dona Miúda.
Sambaetiba - Itaboraí - 1984/1985

Fonte: Casa de farinha - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - 1986.

A farinha, como percebemos, era disparada a principal mercadoria em volume de produção, superando, e muito, outros produtos como o açúcar, o mais valorizado comercialmente. Portanto, fica claro o pressuposto de que, na área macacuana, a cultura da mandioca e da produção de farinha conferia à região parte importante de sua identidade. Com relação à tradição, até pouco tempo atrás, era comum encontrarmos famílias dedicadas à produção de farinha no quarto distrito de Itaboraí: Sambaetiba - eram

as tradicionais casas de farinha⁹.

Algumas fontes históricas mencionam que, na Vila, havia também uma produção de anil (tipo de corante). Entretanto, há uma divergência quanto ao volume da produção, que varia de inexpressiva, como é o caso da fonte que foi citada anteriormente, e com expressividade, no caso de uma fonte histórica que descreve a região com 126 fábricas de anil¹⁰.

Outra atividade importante na economia da região de Macacu foi a extração e o comércio de madeiras, de várias espécies - havia também o comércio de plantas medicinais. A atividade madeireira gerava expressivos lucros aos extratores e principalmente aos negociantes. Madeiras eram puxadas por bois e os ganhos compensavam o duro trabalho de escoar a produção em vias fluviais até os portos - o referido transporte era facilitado em épocas de cheias. Dessa forma, pesquisas sobre a região macacuana no século XIX revelam que o trabalho de cortar e retirar a madeira era realizado, sobretudo por mão de obra livre, uma vez que os proprietários, devido ao valor elevado da peça escrava, não viam benefícios em empregar tal mercadoria em um serviço de risco e onde poderiam ter facilidade de fuga¹¹.

Com relação aos derivados da extração madeireira, “em 1797 (...) Macacu produzira 1.482 dúzias de tábuas, ‘conssoeiras’, vigas, ‘frexaes’, ‘pãos de prumo’, ‘pernas’, caibros e curvas, perfazendo um total de 17.784 peças, indicando também a presença de 55 ‘serradores’ ”¹².

Alguns estudos apontam que a atividade madeireira em Macacu vinha sendo desenvolvida desde a época de Martim Afonso de Souza, no século XVI. Comparável em relevância à produção de cana-

⁹ Com relação a isso, o grosso da produção de farinha estava nas mãos de roceiros, com diminuta ou inexistente utilização de mão de obra escrava, e em propriedades com pequenas áreas de solo, próprias ou arrendadas.

¹⁰ Ver LISBOA, Balthazar da Silva. Anais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1967 (1834-5), apud AMANTINO E CARDOSO (2008, p. 90-92).

¹¹ Ver COSTA (2013, p. 71).

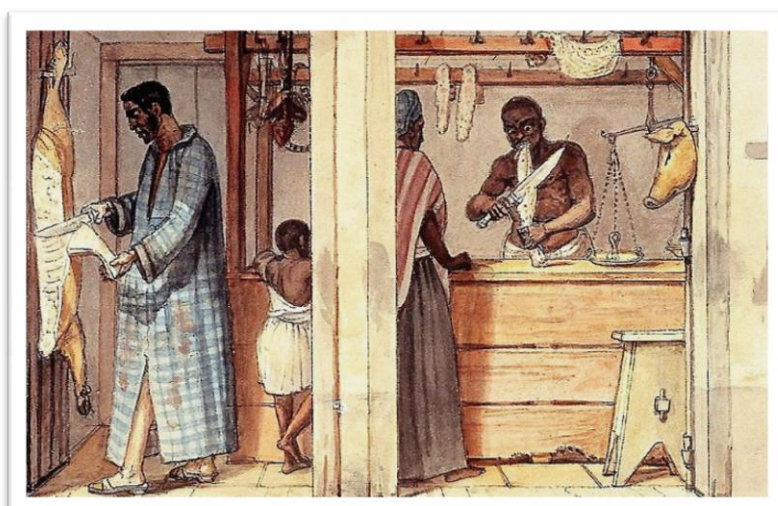
¹² AMANTINO E CARDOSO (2008, p. 99).

de-açúcar e à farinha de mandioca no século XVIII, ganhando um grande impulso a partir da criação do Arsenal de Marinha, em 1763¹³.

A diversidade comercial da região não parava por aí, havia o comércio dinamizado pelas vendas de beira de estrada ou nas localidades, o que não se dava exclusivamente pela transação em dinheiro, mas também pelas trocas de produtos entre os lavradores e comerciantes - estes, por exemplo, recebendo madeiras e alimentos em troca de outras mercadorias.

Também se tinha o comércio de aves domésticas e ovos - geralmente vendidos a quitandeiros, assim como o comércio de porcos e carneiros e do chamado fumo de folha.

Somando-se a tudo isso, havia o comércio oriundo de atividades especializadas ligadas ao setor madeireiro como: carpintaria, marcenaria e tamancaria; mais ainda ao setor de serviços como: atividades de ferreiro, pedreiro, alfaiate, sapateiro, calafate (construção naval), latoeiro (artesão de metal - lata) e cabeleireiro.



Exemplo de Comércio de Carnes na Sociedade Colonial. Obra de Debret. Fonte: Google Imagens.

Os comércios ligados à tração e ao transporte, assim como à venda de carne e leite, eram viabilizados por um “considerável número de bois, vacas, novilhos, ovelhas, mulas, burros e cavalos existentes na região e que aparecem enumerados na fonte (Discrição - grifo nosso): 1.821 bois, 1.186 vacas, 590 novilhos, 855 carneiros e

ovelhas, 839 cavalos, 565 ‘bestas muares’ e 32 poldros¹⁴.”

Enfim, como forma de concluir e não sendo possível esgotar esse assunto em escassas páginas, faço uso da citação abaixo com o intuito de exteriorizar que a economia da Vila de Santo Antônio de Sá foi dinamicamente diversa e alicerçada.

(...) em um conjunto de algumas plantations, em uma economia doméstica de produção variada, que englobava o cultivo do arroz, do feijão, da farinha, do milho, do fumo, a exploração das madeiras, a criação de aves e a consequente comercialização dos seus ovos, além da criação de porcos.

¹³ Idem.

¹⁴ Ibid., p. 103.

Toda esta produção tinha parte consumida na própria Vila e parte exportada para as localidades vizinhas, inclusive a cidade do Rio de Janeiro. Para esta exportação, em muito auxiliaram os rios, que desembocavam diretamente na Baía da Guanabara. A maior parte da população da Vila era formada por pequenos e médios proprietários de pequenos plantéis de escravos ou mesmo nenhum cativo. A riqueza concentrava-se numa elite diminuta que também produzia os mesmos produtos, só que em grandes quantidades. Aí estava a grande diferença¹⁵.

Referências bibliográficas:

AMANTINO, Márcia e CARDOSO, Vinicius Maia. "Múltiplas Alternativas: diversidade econômica da Vila de Santo de Sá de Macacu - Século XVIII". In: Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 3 N° 5 Jul-Dez 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo_4.pdf>. Acesso em: 18 de julho de 2013.

COSTA, Gilciano Menezes. "A Escravidão em Itaboraí: Uma Vivência às Margens do Rio Macacu (1833-1875)". Niterói, UFF, 2013.

"Discrição do que contém o distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro]". 07 de abril de 1797. Arquivo Histórico Ultramarino-Rio de Janeiro. Cx. 165, doc. 62 e AHU_ACL_CU_017, Cx.161, D. 12071.

FORTE, José Matoso Maia. "Vilas Fluminenses Desaparecidas – Santo Antonio de Sá". Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal de Itaboraí, 1980.

¹⁵ Ibid., p. 104-105.